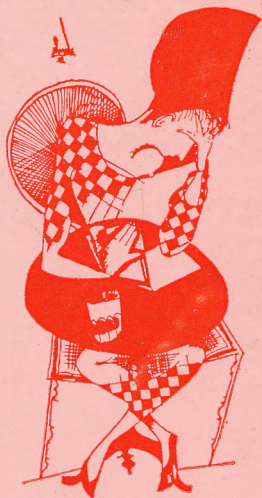




teatro
CENTELHA

António Cabral e António
Manuel Pires Cabral

7 PEÇAS
EM
UM ACTO



ANTÓNIO CABRAL
ANTÓNIO MANUEL PIRES CABRAL

SETE PEÇAS EM UM ACTO

TEATRO



COIMBRA
1977

A. M. PIRES CABRAL

- ★ O CONSULTÓRIO
- ★ O POÇO
- ★ SEGUIR VIAGEM

Sala de espera de um consultório médico. Mobiliário habitual: uma mesa para a empregada, alguns sofás e cadeiras, uma mesinha central com uma jarra de flores e velhas revistas, gravuras nas paredes. À direita, porta de entrada; à esquerda, porta de acesso ao consultório; ao fundo, janela sobre a rua.

Entra a Empregada, vestindo a bata. Experimenta a porta do consultório, que não consegue abrir. Dedicase então a arranjar o mobiliário.

EMPREGADA

Não sei como esta mesa consegue estar sempre fora de sítio. (*Compõe a mesa central.*) De qualquer modo é necessário manter isto arranjado, porque de um momento para o outro... Talvez hoje. (*Pausa de reflexão. Avança para o proscénio, dirige-se ao público.*) Todos os dias a esperar que seja o grande dia... Isto desgasta. Parece que vai sendo tempo de desesperar. (*Pequena pausa.*) Credo! Desesperar! Não liguem... E logo hoje, que tive um pressentimento tão nítido, tão cristalino! Como de costume, apostei com o Carlos. Riu-se, também é o costume... Tem razão para isso. Mas hoje, sei lá bem porquê, acho que finalmente... Que as coisas não

podem ser sempre assim, não é situação que se mantenha indefinidamente. Daquela porta (*Indica a porta do consultório.*) para lá — mistério! Sempre fechada. E é que nem pelo buraco da fechadura é possível espreitar. Não, não é simples curiosidade, mas eu tenho de acreditar que... (*Interrompe-se, com um suspiro de desalento. Continua a arranjar os móveis, mas falando para o público.*) O Carlos diz que o importante é que o cheque não falte, ao fim do mês. E na verdade ainda nunca faltou, mas... será isso de facto o importante? O próprio Carlos confessa que tem uma costela de judeu, desculpa-se-lhe... Mas eu... Passar aqui oito horas diárias de expectativa, metodicamente frustrada dia após dia — acreditem que custa. A menos que o telefone, piedosamente, me mande embora mais cedo, o que nem sempre acontece. Então, na melhor das hipóteses, vai-se tagarelando sobre bagatelas com algum dos desgraçados que aqui chegam, atraídos pela tabuleta lá fora... (*Campainha.*) Justamente, aí temos o primeiro. (*Vai abrir a porta.*) Faça o favor de entrar.

Entra o 1.º Homem, de meia idade, de forma a mostrar, primeiro ao público, depois à Empregada, que traz uma faca espetada nas costas, sobre o lado esquerdo.

EMPREGADA

(*Horrorizada.*) — Oh!

1.º HOMEM

O senhor doutor está?

EMPREGADA

A... ainda não chegou.

1.º HOMEM

Nesse caso espero. (*Senta-se, pega numa revista, prepara-se para ler.*)

EMPREGADA

Desculpe, mas eu... eu não sei se o senhor doutor demorará um bocadinho...

1.º HOMEM

Eu espero.

EMPREGADA

Mas... numa emergência dessas...

1.º HOMEM

Como?

EMPREGADA

Trata-se de um caso urgente, não é verdade?

1.º HOMEM

(*Dá uma olhadela de soslaio à faca.*) Nem por isso.

EMPREGADA

Talvez fosse preferível ir a um hospital.

1.º HOMEM

Hospital? Oiça, eu detesto hospitais. Cheiram mal, percebe?, a morte e a outras coisas. Nem gosto que me falem em hospitais. E isto pode esperar.